

CONSIDERAÇÕES FINAIS

✓ *Alguns Arremates...*

Escrever as considerações finais da dissertação significa arrematar os últimos fios, fazer os acabamentos, sinalizar uma etapa de finalização do trabalho. Como disse a professora Maria Emília Engers no nosso último encontro de orientação: *“chegou o momento de fechar sem fechar, pois a pesquisa não termina”*, é inesgotável, constitui-se numa porta aberta a novos conceitos, enredos, perspectivas e possibilidades.

Ao admitirmos uma *postura fenomenológica* como guia metodológico norteador deste estudo, nos propusemos a conhecer e compreender os fenômenos comunitários como experiências que *se mostram, se revelam e desvelam*, num movimento original e singular. Para tanto, já contávamos com a provisoriedade científica que impregna essa concepção.

O fato de termos compreendido a educação não-formal segundo as vivências de agentes comunitários se dá por ser a comunidade o espaço propício para o estudo e aprofundamento de como acontece, segundo as práticas e procedimentos utilizados na ação social, a educação não-formal

num contexto carente de uma Pedagogia adaptada às suas necessidades reais e emergentes.

Através de um *strip-tease* lingüístico, os agentes comunitários nos mostraram os fenômenos da comunidade sem *véus* e *sem vestes* e, despidos de pré-conceitos, numa verdadeira *epoché* (suspensão de valores já adquiridos e incorporados, pelo *eu*) nos permitiram a contemplação das experiências comunitárias na sua forma mais pura.

Dividiram conosco seus *mundos* e nos conduziram por um passeio sem fim nas encruzilhadas e vielas da educação não-formal. Em suas falas, o entorno apareceu como um grande tecido social, cheio de texturas contextuais que são costuradas, dia a dia, pelos fios intra e intersubjetivos das vivências dos agentes comunitários.

Ao falarem de práticas orientadas à promoção de uma maior qualidade de vida dos envolvidos no projeto social e do contexto, os agentes comunitários esclareceram que não trabalham com o ensino, mas com a educação numa perspectiva ampliada. Fluentes em práticas culturais, vão criando instrumentos e técnicas, fundam o novo, o inexistente e vão lapidando e percorrendo variados e mutantes contornos.

Suas intenções, ações e práticas não estão dispostas em cronogramas, ou esboçadas em conteúdos e planos curriculares, mas são iniciadas e remodeladas a partir do fenômeno *dando-se*, numa entrega constante que atravessa a estrita circunferência do *eu* em direção à plural esfera do *nós*.

Donos de uma sensibilidade aguçada, falam de uma educação informal, livre das burocracias e perfis institucionais. Na comunidade, a sala de aula não tem paredes e a vida faz-se um convite aberto à percepção. Na coletividade, os coadjuvantes de uma *sociedade pedagógica* resgatam o ponto de intersecção entre a educação formal e não-formal, pois concebem o sujeito a partir de sua experiência na existência, um sujeito situado no mundo a partir da realidade.

A *Artesã do Aprender* nos fala de como acontece a exploração desse campo perceptivo na capacitação de novos agentes comunitários, ou seja, essa experiência afetiva passa a ser um 'conteúdo' a mais, trabalhado na proliferação do projeto social: *"Na formação de novos agentes comunitários uma das práticas que fazemos é a de adquirir o 'direito de piso', o direito de entrar numa comunidade, porque eles não são daquela comunidade e não podem chegar assim: - Cheguei! Vim ajudar vocês! Não, antes de começar o trabalho eles ficam pelo menos um ano cheirando, eles vão domingo, vão sábado, vão de noite, vão terça-feira, vão dia de chuva e não conversam com ninguém. Vão ver como é que a comunidade entra, vão fazer o que nós fazíamos no início, eles também olham, olham as cores das casas, o que tem no bar, se tem cachorro, se não tem cachorro e durante um ano, no mínimo, ficam assim, aprendendo com a comunidade."*

Para essas pessoas, os verdadeiros conceitos estão guardados nos cheiros, nos gestos, nos olhares, nos sons, nas cores e nos hábitos da comunidade. O conhecimento nasce no singular, nos ditos e crenças populares, no senso-comum e amplia-se no complexo. A organização dos conhecimentos é um processo circular que admite confluências constantes entre o antigo e o novo.

Para encadear alguns construtos e evidências que dão origem a essa textura (*tipo ou maneira de entrecruzamento de um tecido*) dissertativa, esclarecemos que o pensador Morin será trazido, por possibilitar algumas elucidações necessárias e por ser um autor à frente de seu tempo. Pensador das idéias, ele propõe uma leitura do sujeito visto na totalidade do bio-psico-social e, ao falar do sujeito global, dialético, fala do *ser fenomenológico*, apoiado na inesgotabilidade multifacetada e antagônica do fenômeno, mas hologramática na integração de suas partes.

Para ele, *“devemos, pois, pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los, uns aos outros; por outro lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida e não atrofiada”* (2000, p.16).

A capacidade de integração pressupõe uma disponibilidade de entrega, de implicação, de complementaridade. Nos depoimentos trazidos ao longo da pesquisa, vimos um conjunto de indicativos que apontam a educação não-formal como um aspecto complementar à prática educativa formal, e vice-versa. Em outros espaços de fala, encontramos alguns pedidos que *“gritam”* pela emergência de um amplo diálogo entre essas duas instâncias educacionais e convocam uma participação mais efetiva do sistema formal de ensino na rede sociocomunitária.

Gostaríamos de deixar registrada e destacada a fala do *Poliglota Cultural*, por possibilitar um *insight*, um dar-se conta ou, ao menos, um repensar através de um espaço de reflexão sobre o tipo de formação oferecida nas instituições educacionais formais. Ele diz: *“Eu queria uma*

Psicologia mais voltada ao indivíduo, de se envolver com o indivíduo como um todo. O psicólogo dentro da comunidade (...) Eu queria que o Serviço Social voltasse para a vila porque nós trabalhamos com famílias, fazemos visitas (...) Penso que é dentro das comunidades que precisamos desses profissionais, o profissional tem que estar ao alcance das pessoas (...)".

Ele complementa e demarca uma crítica implícita ao sistema de educação formal, ao questionar acerca do papel e do lugar dos profissionais capacitados: *"A Faculdade de Educação deveria estar mais aqui dentro (...) o pessoal da Educação Infantil me pediu para desenvolver um trabalho junto às creches, mas não é a minha área e me pergunto: - Onde estão os profissionais capacitados para fazer esse trabalho? Eu me preocupo com isso!"*

A vida na escola não considera suficientemente a escola-da-vida. Os conteúdos oferecidos nas academias de ensino estão, comumente, em desacordo com a realidade vivenciada e incorporada pelos alunos. As dicotomias entre as teorias e práticas se fazem um abismo epistemológico de difícil atravessamento.

Através de uma empreitada conjunta, objetivo central de um projeto social, as pontes do saber podem ser reconstruídas e os canais desobstruídos para que a conversação entre as disciplinas aconteça, num fluxo contínuo e sem barreiras, comportas ou portões demarcando seus limites. A oportunidade de um diálogo aberto e claro entre as distintas áreas do conhecimento está a indicar a possibilidade de encontros, entrelaçamentos e complementaridades na superação de alguns equívocos e modelos que ainda impregnam os sistemas educacionais contemporâneos.

É a *Artesã do Aprender* que nos traz o último depoimento desta dissertação. Ao explicitar a memorização como um dos recursos didáticos ainda utilizado nas práticas docentes na Universidade de hoje, ela reclama: *“São textos e textos e como eu não tenho mais memória para guardar textos, porque com a prática a realidade me entra pelas vísceras, então eu desaprendi a memorizar, eu não guardo nem número de telefone, eu não sei a placa do meu carro, desaprendi a guardar coisas. Eu vivo e não armazeno coisas, eu armazeno as impressões, eu sou capaz de reproduzir toda a história de uma pessoa pelo que convivi com ela na vila. Na faculdade me obrigam a memorizar textos e como eu não sei fazer isso eu tirei seis e meio na prova e ainda com deboches: - Tu que é educadora popular, não sabe nem isso. E eu não sabia se o texto era da Maria Helena Patto, eu sabia que tinha lido, que tinha me entrado, agora, em que página, em que ano foi escrito eu não sabia.”*

Às vésperas do século XXI ainda encontramos, nas instituições de ensino formal, antigas e ineficazes práticas de ensino. A memorização, tão combatida por Freire na sua crítica à *“educação bancária”* - onde o educando é visto como depósito de conhecimentos meramente transmitidos e que devem ser acumulados -, ainda é cobrada como forma de repetição e fixação dos conteúdos ensinados. A aprendizagem assim conduzida não acontece verdadeiramente, pois esgota-se num vazio de sentidos e significações e está deslocada para uma preocupação de mero armazenamento de informações apreendidas.

A educação voltada para a liberdade e autonomia está assentada numa tomada de consciência, num repensar crítico-reflexivo que reconheça a importância de ensinar a pensar, numa articulação de saberes já adquiridos e por descobrir, saberes que tenham sentido para o aprendiz, que o estimulem

e capacitem numa busca ilimitada de novas aprendizagens mediadas por um movimento congruente capaz de unir cognição e afeto numa única dimensão.

Conforme Morin, através de uma abertura paradigmática, “o desenvolvimento da aptidão para contextualizar os saberes torna-se um imperativo da educação” (2000, p.24). Como imperativo, faz-se princípio, meio e fim de um pensamento “ecologizante” que “situa todo acontecimento, informação ou conhecimento em relação de inseparabilidade com seu meio ambiente – cultural, social, econômico, político e, é claro, natural” (p. 25).

Para os agentes comunitários as aprendizagens só tem sentido quando residem e emergem do mundo-da-vida. Trata-se de um processo de constantes interações e mutações entre sujeito e meio, num movimento de inter e retroações. O sujeito situado no contexto planetário sabe que, num projeto educacional social, o *eu*, pronome pessoal e singular na gramática, torna-se plural.

Conceber e implementar um projeto de educação social exige a reformulação de algumas práticas e modelos padronizados pelo sistema educacional vigente. *Atravessar o portão* indica uma atitude de abertura e coragem, significa atingir um patamar de consciência orientado à superação de limites institucionais numa trajetória que possibilite percorrer novos rumos em direção a um projeto educacional que resgate os princípios da hominização, (partindo da concepção de um sujeito situado e respeitado a partir de sua realidade).

No Canadá e em muitos países da Europa, a Pedagogia Social já é oferecida em nível de terceiro grau, seja enquanto carreira acadêmica seja

como disciplina integrante dos currículos nos cursos de formação de professores. Na Espanha, por exemplo, os cursos de Psicologia oferecem práticas de estágio que buscam capacitar o psicólogo enquanto animador sociocultural.

No Brasil também já vemos um horizonte despontando, pois o Governo Federal, através da Secretaria de Assistência Social, lançou no dia nove de julho deste ano, pelo programa de rádio *A Voz do Brasil*, um projeto de capacitação de jovens agentes comunitários. Para a sua efetivação, será destinada uma verba orçamentária de dois milhões e meio de reais, com a proposta de capacitar pessoas, em todos os Estados brasileiros, que sejam mediadoras de um processo comunitário, capazes de detectar e encaminhar problemas e que saibam promover e conduzir atividades de ponta na comunidade, ações que estejam em consonância com as necessidades reais emergentes do contexto.

A construção de um projeto educativo sociocomunitário religa disciplinas e conhecimentos e nada tem a ver com a estagnação curricular. Trata-se de um princípio da ciência como meio de comunicação, em oposição à sua suposta função solucionadora de problemas ou descobridora de verdades. Importa hoje considerar o conceito de ciência como um empreendimento racional capaz de aceitar constantes aperfeiçoamentos. A ciência assim entendida substitui o conceito de unidade pelo de multiplicidade de formas, de manifestações sociais do saber num contexto de múltiplas relações.

Para tanto, os especialistas e técnicos devem abandonar o hermetismo de suas falas específicas e buscar a linguagem comum,

favorecendo a **comunicação** e a **aprendizagem social** como meio de solução de problemas. Para os especialistas já não basta o diploma, devem ter a ousadia de penetrar nos contextos carentes da técnica, redimensionando a ótica do aprender.

A necessidade de interdisciplinaridade, de diálogo aberto entre as disciplinas é inquestionável nos dias atuais e se torna problema sob a ótica da teoria tradicional. Abandonando a idéia de que determinadas disciplinas se destinam a certos campos do saber, consideraremos a ciência como empreendimento de aprendizagem social - sem temas, objeto de estudo ou metodologia preestabelecida.

Na interdisciplinaridade a **soma de fragmentos**, o **conhecimento a construir** e o **saber inacabado** são instrumentos indispensáveis e tônicos na caminhada. Como vemos, trabalhar com a dinâmica da educação não-formal é apostar na incerteza, fazer da dúvida uma utopia a ser perseguida e do diálogo um mapa na trajetória do ensinar/aprender.

Para os que acreditam nela como uma possibilidade de construção do **saber significativo** o desafio é este: *atravessar e desmontar os muitos portões velhos*. E, para encerrar este *corpus* argumentativo, queremos deixar um convite, ou melhor, queremos deixar o *portão aberto*, na esperança de que outros educadores se arrisquem a percorrer esse caminho sem fim nas trilhas de uma educação que não está aprisionada por muros acadêmicos ou institucionais, mas situada no *mundo-da-vida*, nas *experiências, vivências e pegadas* daqueles que marcam as trilhas dessa trajetória educativa. E para os que acreditam numa educação abrangente uma certeza: não estarão sozinhos, pois nos encontraremos pelo caminho.

OBRAS CONSULTADAS

- ADORNO, Theodor. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986.
- ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras**. 15ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.
- _____. **Informação Oral: Congresso Nacional Marista de Educação**. Curitiba, PR: 11 a 15 de outubro, 1996.
- _____. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- _____. **O amor que acende a Lua**. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus; Speculum, 2000.
- ARAÚJO, Ulisses (coord.), MORENO, Montserrat (et. al.). **Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal**. Tradução Maria Cristina de Oliveira. São Paulo: Moderna, 1999.
- BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- _____. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BARRADO, García José Maria. "La animación sociocultural: un esfuerzo de aclaración". In **Documentación Social: Animación Sociocultural**. Madrid, 1982.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Tradução de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1980.

- BECHARA, Evanildo. **Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?** 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- BICUDO, Maria Aparecida V., ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha (orgs.). **Joel Martins... Um seminário avançado em Fenomenologia.** São Paulo: Educ, 1997.
- BORDIEU, Pierre. **Razões Práticas - sobre a teoria da ação.** Tradução de Mariza Corrêa. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996.
- _____ et al. **El oficio de sociólogo.** 16ª ed. Madrid: Siglo Veintiuno de España, 1994.
- CABANAS, José Maria Quintana. **Pedagogia Comunitária: Perspectivas Mundiales de Educación de Adultos.** Madrid: Narcea, S.A. de Ediciones, 1991.
- _____. **Fundamentos de Animación Sóciocultural.** Madrid: Narcea, S.A. de Ediciones, 1992.
- _____. **Pedagogia Social.** Madrid: Dickinson, 1994.
- CALCANHOTO, Adriana. "Esquadros". In CD: **Senhas.** Música nº 3. Rio de Janeiro: Sony Music Entertainment, 1992.
- _____. "O outro". In CD: **Público.** Música nº 7. São Paulo: BMG Brasil, 2000.
- CAPALBO, Creusa. "Algumas considerações sobre a Fenomenologia que podem interessar ao Serviço Social". In **Documento de Sumaré: Debates Sociais.** Suplemento nº 8, agosto de 1980.

- CAPLAN, G. **Princípios de psiquiatria preventiva**. Buenos Aires: Paidós 1980.
- CARR, W., KEMMIS, S. **Teoria crítica de la enseñanza: la investigación-acción en la formación del profesorado**. Barcelona: Martínez Roca, 1988.
- CARVALHO, Anésia de Souza. **Metodologia da entrevista: uma abordagem fenomenológica**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- COMBS, P. H. **La crisis mundial de la educación**. Barcelona: Península, 1968.
- _____. **Tesouro de la Educación**. Madrid: Santillana, 1977.
- _____. **Terminología de la educación de adultos**. Barcelona: Península, 1979.
- COMIOTTO, Mirian Sirley. **Adultos médios: sentimentos e trajetória de vida. Estudo fenomenológico e proposta de Auto Educação**. Tese de Doutorado em Ciências Humanas e Educação. Faculdade de Educação. Porto Alegre: UFRGS, 1992.
- COMIOTTO, Mirian Sirley. **Notas de aula: Método Fenomenológico em Pesquisa Educacional**. Porto Alegre: PUCRS, Programa de Pós-Graduação em Educação, agosto de 1999.
- DELORS, Jacques (org). **Educação: um tesouro a descobrir**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF. MEC, UNESCO, 1999.
- DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos. **Fenômeno: uma teia complexa de relações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

- EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- ENGERS, Maria Emília Amaral. "A Epistemologia da prática reflexiva e a '*pedagogia do tato*' no cotidiano escolar: um estudo realizado nas classes iniciais de escolas públicas". In CASTRO, Marta Luz Sisson, WERLE, Flávia Obino Corrêa (orgs.). **Educação Comparada na Perspectiva da Globalização e Autonomia**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, pp. 289-303, 2000.
- FERMOSO, Paciano. **Pedagogía Social**. Barcelona: Editorial Herder, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª ed. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. **Pedagogía do Oprimido**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. **The politics of education: Culture, Power and Liberation**. South Hadley. Mass.: Bergin and Garvey, 1985.
- _____. "Acción Cultural Libertadora". In TORRES, Carlos Alberto. **Paulo Freire: educación y concientización**. Salamanca: Sigüeme, 1985.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o trabalho científico, que todo mundo pode saber, inclusive você: Explicitação das Normas da ABNT**. 8ª ed. Porto Alegre: s.n., 2000.
- GIORGI, Amedeo. **Phenomenology and Psychological Research**. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1985.

- _____. "Phenomenological Method as a Qualitative Research Procedure".
In: **Journal of Phenomenological Psychology**, nº 28, ano 02, p. 248ss,
1997.
- GIROUX, Henry A. **Ideology, Culture and the Process of Schooling**.
Filadélfia: Temple Press e Londres: Falmer Press, 1981.
- _____. **Theory and Resistance in Education**. South Hadley: Mass, Bergin
& Garvey, 1983.
- GONZÁLEZ, Antonio Martín (org.) **Psicología Comunitaria**. Madrid: Textos
Visor S. A., 1993.
- GUTIÉRREZ, Francisco. **Educação como práxis política**. São Paulo: Ed.
Summus, 1988.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro:
Tempo Brasileiro, 1984.
- HEGEL, Georg W. Friedrich. **Princípios da Filosofia do Direito**. 4ª ed.
Lisboa: Guimarães, 1990.
- _____. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HELLER, Ágnes. **O Cotidiano e a História**. Tradução de Carlos Nelson
Coutinho. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 4ª ed., 1970.
- _____. **La revolución de la vida cotidiana**. Tradução de Gustau Muñoz,
Enric Pérez e Iván Tapia. Barcelona: Ed. Península, 1982.
- _____. **Sociología de la vida cotidiana**. 4ª ed. Tradução de J. F. Yvars e
Pérez Nadal. Barcelona: Ediciones Península História, Ciencia,
Sociedad, 1994.

- HUSSERL. In **Enciclopédia Britânica**. USA: Under International Copyright Union, 1969. v. 11, p. 911.
- ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. 4ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1977.
- _____ et. al. **Un mundo sin escuelas**. 2ª ed. México: Nueva Imágen, 1978.
- _____ et. al. **Educação e liberdade**. São Paulo: Imaginário, 1990.
- KEMMIS, Stephen. **El curriculum: más allá de la teoría de la reproducción**. 2ª ed. Madrid: Morata, 1993.
- LAPORTA, Raffaele. **La difficile scomesa**. Firenze: La Nuova Italia, 1975.
- MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MARCHIONI, Marco. **Comunidad, participación y desarrollo: teoría y metodología de la intervención comunitaria**. Madrid: Editorial Popular, 1999.
- MARÍN IBÁÑEZ, Ricardo. **La creatividad**. Barcelona: CEAC, 1980.
- MARTINS, Joel, DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda S. Farinha Beirão (orgs.) **Temas Fundamentais de Fenomenologia**. São Paulo: Ed. Moraes, 1984.
- MASINI, Elcie F. Salzano. Enfoque Fenomenológico de Pesquisa em Educação. In: FAZENDA, Ivani (org.) **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

- MATURANA, Humberto, REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação Humana e Capacitação**. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- MAY, Rollo. **Psicologia e dilema humano**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- _____. **O homem à procura de si mesmo**. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MC LAREN, Peter. **Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação**. Tradução Juracy Marques e Ângela Biaggio. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Traduzido por Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Teoría de los sentimientos**. México: Fónido de Cultura Económica, 1982.
- MORAES, Roque. "Fenomenologia: uma introdução". In **Revista Educação**. Porto Alegre: PUCRS, ano XVI, nº 24, p. 15-24, 1993.
- MORIN, Edgar. **A decadência do futuro e a construção do presente**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.
- _____. **O método 4 : As idéias**. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- _____. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Vida Adulta: personalidade e desenvolvimento**. Porto Alegre: Sulina, 1978.
- _____. **As ilusões e os problemas da vida**. Porto Alegre: Sulina, 1979.

- _____. Notas de Aula: **Educação Social**. Porto Alegre: PUCRS, Programa de Pós-Graduação em Educação, agosto de 1998.
- NASSIF, Ricardo, RAMA, Germán W. **El sistema educativo em América Latina**. UNESCO - CEPAL - PNUD, Ed. Kapeluz, mimeo. (s.d.)
- NATORP, Paul. **Pedagogía Social: Teoría de la educación de la voluntad sobre la base de la comunidad**. Tradução castelhana. Madrid: La Lectura, 1898.
- NERUDA, Pablo. "Estravagario - Aquí vivimos". In **Antología Poética**. Rio de Janeiro: José Olympica, 1999.
- NIDELCOFF, Maria Teresa. **Uma escola para o povo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1978.
- NISBET, R. A. **The sociological tradition**. Londres: Heinemann, 1973.
- _____. "Comunidade". In: FORACHI, M. M. e MARTINS, J. de Souza. **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: LTC, 1977.
- NOHL, Herman, PALLAT, Ludwig. **Die Theorie der Schule und der Schulaufbau**. Langensalza, 1932.
- PAVIANI, Jayme. "Merleau-Ponty: A Fenomenologia e as Ciências do Homem". In **Pesquisa em Serviço Social - Seminário sobre pesquisa fenomenológica nas Ciências Humanas e Sociais**. ANAIS editado pela ANPESS e CBCISS, ano I, nº 1, pp. 23-42, 1990.
- PAZ, Octavio. **Piedra de sol**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

- REZENDE, Antonio Muniz de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.
- RIBEIRO, João. **Fenomenologia**. São Paulo: Pancoast, 1991.
- ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- SALAS, María. "Distintas concepciones de la animación sociocultural". In **Documentación Social: Animación Socociocultural**. Madrid, 1982.
- SALGADO, Sebastião. **Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. **Êxodos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SAWAIA, Bader Burihan. "Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade". In CAMPOS, Regina H. de Freitas (org.). **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- SIMMEL, G. "Le problème de la sociologie". In: **Revue de Métaphysique et de Morale**, 1984.
- TÖNNIES, F. **Communauté et société**. Paris: Puf, 1944.
- TORRES, Carlos Alberto. "A voz do biógrafo latino-americano: uma biografia intelectual". In GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: uma biobibliografia**. Brasília (DF): Instituto Paulo Freire. São Paulo: Cortez, UNESCO, 1996.
- ULICH, Dieter. **El sentimiento: introducción a la psicología de la emoción**. Barcelona: Herder, 1985.
- UNESCO. **Repertorio de servicios de documentación e información sobre educación de adultos**. Paris, 1980.
- _____. **Documentation et information pédagogiques**. Paris, 1979.

- _____. **Perspectivas de la UNESCO**. Espanha, nº 1, 1983.
- VAN MANEN, Max. "The Epistemology of Reflexive Practice". In **Teachers and Teaching: Theory and Practice**. v. 1 (1), mar., pp. 35-50, 1995.
- VIDAL, Alípio Sáchez. **Psicología Comunitaria; bases conceptuales y operativas, métodos de intervención**. 2ª ed. Barcelona, PPU S.A., 1991.
- WANDERLEY, M. **Metamorfoses do desenvolvimento de comunidade**. São Paulo: Cortez, 1993.
- WEBER, M. **Economia e Sociedade**. México: Fónido de Cultura Económico. 2 vols., 1964.
- ZANELLA, Andréa. **Psicologia e práticas sociais**. Porto Alegre: ABRAPSO/SUL, 1997.

ANEXO 1

Roteiro da Entrevista

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Nome Suposto:	
Idade:	Sexo:
Escolaridade	Tempo de Serviço na Atividade:
Contexto de Atuação:	
QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA	
Qual a sua trajetória como agente comunitário?	
Quais foram suas vivências mais significativas como agente comunitário?	
TÓPICOS GERADORES	
Práticas norteadoras de suas ações, objetivos, procedimentos:	
Percepções e Significados desta prática:	
Características do animador sócio-cultural:	
Elementos Educacionais da prática comunitária:	
Alternativas de Ação:	
O que mais gostaria de dizer:	
AVALIAÇÃO DA ENTREVISTA	
Por parte do entrevistado:	
Por parte do entrevistador:	
Retorno, caso necessário com o participante da entrevista:	
Data provável:	

ANEXO 2

Exemplo de uma Síntese Fenomenológica **Entrevista com “A Recicladora da Vida”**

ENTREVISTA 1	
DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
A RECICLADORA DA VIDA	
Idade: 48 anos	Sexo: Feminino
Escolaridade: 2º grau	Tempo de Serviço na Atividade: 6 anos
Contexto de Atuação: Vila Pinto (Mato Sampaio)	

QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA
<p><i>Qual a sua trajetória como agente comunitário?</i></p> <p><i>Quais foram suas vivências mais significativas como agente comunitário?</i></p>

Meu nome é M. M., eu sou presidente do Centro de Educação Ambiental e também sou a idealizadora deste projeto que foi criado preferencialmente para mulheres e depois, devido a falta de força física das mulheres, notamos que o trabalho exigia que o homem entrasse. Hoje podemos dizer que além da força física os homens trouxeram muita parceria e a confiança de que muitos aspectos realmente mudaram nessa relação homem-mulher.

Um belo dia eu fui na conferência latino americana de preparação para mulheres e chegando em Mar del Plata vi que a minha região era o segundo bolsão de miséria da América Latina. Esse dado estava lá estampado numa grande estatística num mural. Eu já estava me sentindo um pouco mal, pois com o fato de viajar muito, de andar muito inserida no movimento de mulheres eu já não atendia tanto a vila quanto atendia antes, cada vez que eu voltava para vila as pessoas me cobravam, mas eu na verdade estava me munindo de posições para ver qual a melhor maneira de trabalhar a questão das mulheres na vila.

E foi assim que escutei uma história nessa conferência de Mar del Plata, sabia que os problemas eram muito grandes, sabia que eu tinha que ter muita força, muita persistência, mas não sabia ainda como. Ouvindo a história de uma mexicana contando que havia um beija-flor e uma grande floresta que estava incendiando e o beija-flor ia lá, com seu biquinho na gotinha d'água, e pegava para tentar apagar o fogo e os outros animais ficavam debochando: "*Ah, tu pensa que vai conseguir apagar este incêndio com um pingão de água*" e ele disse: "*Eu posso até não apagar o incêndio mas que vou fazer a minha parte vou*".

E aquela história me deu uma força muito grande, posso até não resolver o problema da Mato Sampaio que é muito forte, muito grande porque a Mato Sampaio com certeza não era o segundo bolsão de miséria da América Latina por miséria, miserabilidade mesmo, mas sim pela grande quantidade de pessoas aglomeradas num lugar só, pela super população, por ruas que até hoje não tem infra-estrutura nenhuma, becos, pessoas que moram muito mal e isso com certeza a estatística, que eu não sei quem fez, deve ter detectado como um grau de miserabilidade. Hoje nós somos na faixa de vinte e três mil habitantes e naquela época nós éramos em onze, doze mil e já éramos muitos.

Então, voltei de Mar del Plata consciente do que queria fazer, eu queria trabalhar a questão da violência sim e estava num ônibus com mulheres conhecidas como grandes pensadoras do movimento de mulheres, pensadoras da questão da mulher. Vim com personalidades conhecidas que trabalhavam há muitos anos a questão das mulheres e vim fazendo *lob* desde lá, foram vinte e cinco horas de viagem, aliás quando eu fui já fazia *lob* dentro do ônibus e quando eu voltei fazia mais ainda porque consegui passar para algumas pessoas que eu estava disposta a me atirar de cabeça num projeto que resgatasse a qualidade de vida das mulheres, onde a gente pudesse mudar essa condição que estávamos vivendo aqui dentro da vila.

Eu era uma das pessoas vítima dessa violência, eu era muito controlada como liderança comunitária pelos traficantes, pelas gangues, eu tinha horário para entrar, para sair da vila e lembro que muitas vezes estávamos em reunião e chegava um menino e dizia: "*Ó M. o traficante tá dizendo que é prá ti descer de uma vez que daqui a pouquinho vai dar um tiroteio e tu não pode estar na rua*" e ao mesmo tempo que aquilo me sinalizava um fator de respeito pelo trabalho, por outro me revoltava porque eu tinha de interromper a reunião e voltar para casa porque eles decidiram naquele momento tirotear, o que já não era uma coisa boa. E cada vez, cada acontecimento contra as mulheres crescia em mim um desejo mais forte de fazer alguma coisa já que eu era uma pessoa conhecida na vila, já inserida no movimento de mulheres, com um contato político bom, pois eu andava com os "*grandões de lá*" e me sentia na obrigação de fazer algo pela vila e o grupo de mulheres tinha confiança de que isso ia acontecer.

E comecei a fazer um grupo. Quando voltei fiz uma pesquisa dentro da vila perguntando o que nós mulheres poderíamos fazer para inibir a violência. As mulheres responderam e depois de uma avaliação vimos que a única coisa que poderia fazer com que elas inibissem a violência era ter uma forma de renda, que elas tivessem um meio de sustentação para que pudessem se livrar da arbitrariedade dos maridos.

Eu tinha o desejo de mudar aquela realidade e para mudar tem que trabalhar em cima da questão. As mulheres da comunidade responderam que a violência maior que existia era a doméstica, aquela que ninguém via, onde as mulheres eram estupradas por seus próprios maridos, onde elas viam suas filhas, enteadas de seus maridos, serem também estupradas e tinham de ficar quietas, não podiam dizer nada. Isso fez com que as pessoas se comprometessem ainda mais em auxiliar. Tive muita sorte, as pessoas se aproximaram do projeto, ajudaram, foi uma das entidades em que mais se acreditou.

A comunidade também resistiu, principalmente os homens, resistiram muito porque coincidentemente ao projeto veio a rua asfaltada, pois nós fomos trabalhar no Orçamento Participativo e tinham muitas mulheres querendo a melhoria das ruas e quando tem mais gente querendo alcançar o mesmo objetivo a comunidade é beneficiada.

Em seguida veio a rua e daí os homens ficaram piores conosco porque, vindo a rua, vieram duzentos e poucos pontos de luz e os homens acharam que nós estávamos favorecendo a polícia, diziam: "*Rua, prá quê rua? Prá carro da polícia entrar!*", porque antes eram só becós "*luz, prá quê luz? Prá polícia nos enxergar!*" e na verdade não era isso, nós queríamos que o trabalho funcionasse vinte e quatro horas e atendesse o maior número de pessoas da comunidade e as pessoas tinham que andar dignamente na rua, com iluminação, com calçamento e não tinha nada de implicância com traficante, mas tivemos muitas dificuldades.

Eles trancaram o projeto, tentaram de todas as formas terminar com tudo, mas graças a Deus já tínhamos um grupo muito persistente, que acreditava mesmo e nós brigamos pelo projeto e saímos vencedores. Na verdade vencemos a mentira, o bem venceu o mal, aspectos que num filme demora quarenta minutos para ver um final feliz e, às vezes, não tem esse final, nós ficamos aqui três meses com o galpão fechado, precisamos recorrer aos Direitos Humanos, mas a comunidade só foi entender isso depois, com a nossa persistência, quando nós "*peitamos*" eles. Esclarecemos na vila: "*Nós só queremos trabalhar, queremos um lugar digno para as pessoas*" e fomos daqui até a 15ª fazer queixa dos traficantes para mostrar que nós não tínhamos medo, mas tínhamos muito medo. Enfrentamos eles ficaram perplexos porque isto não era o normal dentro da vila, a partir daí eu era "*alcagüeta*" e mais uma série de coisas, mas tudo já passou, coisas horrorosas mesmo, graças a Deus hoje passou, hoje nós somos muito respeitados dentro da vila.

O Centro de Educação Ambiental é um lugar onde as pessoas se respeitam, ninguém mexe em nada, ninguém toca no que não é seu e todo mundo se respeita. Então é um trabalho que está sendo muito bonito. Já estamos sendo considerados um dos quinhentos e treze projetos inovadores no mundo e com certeza não é pela separação do lixo que nós fazemos porque o mundo inteiro está separando, porque é ecologicamente correto e as pessoas já estão percebendo isso e a sociedade porto alegre também, como podemos ver. Antigamente nós não tínhamos material para separar, hoje há uma super lotação, as pessoas começaram a entender a importância disso através das campanhas e de tanto a gente falar e a própria prefeitura através de *folders* e divulgação já conscientizou muita gente.

Aqui na comunidade nós estamos indo pela organização que temos e acreditamos, nos servimos dessa estrutura para nos organizar como liderança, como pessoas, como donas de nós mesmas, como donas da nossa história, então aqui nós temos um fortalecimento entre uma e outra, porque tu não consegue fazer isso sozinha, tu só consegue se vê uma outra parceira fazendo a mesma coisa, pois aí tu consegue a força: "*Ah, eu vou fazer! Ah, mas o meu marido isso, o meu marido aquilo, ah, mas o meu marido também fazia e depois ele encheu o saco e não faz mais, ah, mas será que ele cansa? Cansa! Agora vamos insistir, eu vou contigo*". Sabe, é a união de forças, força aqui, força ali e as perspectivas estão aumentando, hoje eu tenho pessoas que eram absolutamente mal educadas, que não sabiam falar nada e só tinham um monte de palavrão na boca e aqui é proibido falar palavrão, aqui é só permitido falar em: amor, tesão, "*eu te amo*", felicidade, essas coisas que as pessoas não estavam muito acostumadas a dizer e que nem acreditavam mais que existisse.

Sáimos para fazer festas juntas e apoiamos umas as outras, nós brigamos com os maridos quando eles brigam com as mulheres e vamos para a casa delas, abrimos a casa, invadimos, damos parte do marido. A gente faz horrores e os maridos: "*Não é tu que está vivendo com ela*", mas somos muito unidas e preservamos nossa liberdade, nossa liberdade de ação dentro da comunidade, as

1

peessoas se politizam, freqüentam as reuniões da comunidade, cada mulher daqui é liderança de uma rua e se tem mais de uma mulher são todas lideranças na mesma rua, vemos que as ruas onde têm mais mulheres morando juntas são ruas muito melhor preparadas, que tem uma boa iluminação, onde as mulheres organizam as crianças, organizam o lixo que é bem condicionado para ficar na frente, para esperar o caminhão, então elas já tem esse entendimento.

Eu lembro que uma vez uma deputada me disse: "*M., tu estás criando uma nova Cuba dentro da vila Pinto, porque tudo passa pelo teu controle*" de repente as mulheres estão todas no serviço de educação ambiental e nos reunimos toda a segunda-feira para discutir o trabalho, mas tem uma segunda-feira no mês que as lideranças das ruas se reúnem para dizer como é que está o trabalho delas, qual é o enfrentamento que estão tendo nas ruas, como é que está sendo facilitado, quem facilita, quem não facilita, se estão precisando de apoio, se querem que a gente vá na casa de uma determinada pessoa, porque uma coisa é tu chegar sozinha na casa de uma pessoa que não quer respeitar nada dos limites, achar que o lixo tem que jogar para o pátio do vizinho, achar que tem de quebrar a vidraça do outro e outra coisa é tu chegar num bando de cinquenta mulheres e todo mundo querer falar ao mesmo tempo. Porque uma coisa é um homem dar um tiro numa e outra coisa é ir um bando de gente que invade a casa dele, que faz a volta, um círculo em volta da casa e o "*cara*" diz: "*O que vocês estão querendo?*" então isso surte um efeito muito forte porque eu posso dizer para ele algo que não o agrada e aí tem uma outra que já diz num outro tom ou tem uma outra que já conhece ele há muito tempo e vai pelo coração.

Mas é isso que faz o trabalho aqui bem legal, eu gosto muito de trabalhar aqui e me sinto muito bem em me dedicar, reivindicar e realizar coisa para cá. Eu fiz uma palestra na PUCRS¹ com uma moça que era relações públicas formada e liderança comunitária na vila Floresta e quando cheguei lá eu perguntei aos organizadores da palestra: "*Onde vocês querem chegar comigo? Eu que sou uma*

¹ PUCRS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

liderança comunitária da vila Pinto com uma pessoa que é formada, eu faço meu trabalho por intuição" e eles disseram: *"Mas é isso aí que nós queremos, como é que tu consegue fazer o teu trabalho empiricamente, sem conhecimento de causa, sem ser formada e como é que ela desenvolve o trabalho dela técnico, por ser uma pessoa formada"* aí comecei a contar que eu estava num projeto e que quando tudo começou as mulheres colaboraram na constituição do estatuto e um dos grandes anseios delas era, além de conseguir um lugar para gerarem renda, conseguir um lugar para os filhos, tanto os filhos pequenos como os adolescentes e isso ficou no estatuto, esse compromisso de que iríamos primeiro nos organizar e depois tocar um projeto com os adolescentes.

Hoje nós estamos organizadas, somos internacionalmente conhecidas e achamos que já podemos partir para um projeto com os adolescentes. Então, eu estava lá conversando na PUCRS e falei: *"Olha pessoal, eu converso em tantos lugares e sempre no final da minha conversa sai alguém enganchado em mim para saber se eu preciso de alguma coisa, interessados em ajudar o projeto"* e foi assim que eu conheci muitas pessoas, hoje tenho alguns empresários que me apoiam. E no final da palestra algumas pessoas me procuraram, tinham muita curiosidade de ver o projeto funcionando, pois a outra moça falou muito técnica e eu não faço uma palestra é uma conversa, conto coisas gozadas que acontecem, fatos pitorescos do dia-a-dia e as pessoas interagem, riem... Eu falo muito da transformação das mulheres.

A partir de um trabalho que fizemos para desenvolver a sexualidade das mulheres, a primeira coisa que elas quiseram depois da palestra que teve com a psicóloga foi um espelho para poderem se olhar e ficou bem na porta do banheiro, pois elas queriam se ver quando saíssem do trabalho e hoje elas vem e vão arrumadas para casa, porque antes elas vinham de qualquer jeito e saiam piores ainda porque saiam sujas do trabalho. Então se fez um trabalho onde elas começaram a se valorizar como pessoas e aí já não queriam mais andar sujas na vila, só queriam se olhar, queriam chuveiro e diziam: *"Ah não, só dois chuveiros não*

dá, tem que ser quatro e tem que ter box no banheiro" e todas essas mudanças foram mudando a construção desse galpão de reciclagem de lixo.

Antes de eu ser promotora legal popular sempre me meti em briga de marido e mulher porque penso assim: se eu me meter numa briga de casal com certeza posso estar evitando uma tragédia. Eu comprava briga com os maridos, desde a hora em que o homem batia, eu levava as mulheres para o IML² para constatar a lesão corporal, levava para fazer ocorrência e os maridos ficavam indignados comigo: "*Ah, porque qualquer dia eu vou trazer ela, mais os meus filhos, mais as malas para eles morarem aí na tua casa já que tu defende tanto elas!*" mas graças a Deus isso foi há um tempo atrás, hoje em dia as mulheres já dizem: "*Olha se tu começar a me agredir eu vou chamar ajuda e vou dizer o que tu está fazendo comigo*" então hoje eles já sabem que a mulher não vai sozinha, busca ajuda, vai em grupo e eles ficam desmoralizados dentro da vila, pois fica todo mundo prestando atenção nele como um homem que bate na mulher, que tira dinheiro da mulher.

A gente faz muita festa aqui, sempre estamos em festa e agora tem o bar da mulher aqui na vila, é o bar da mãe de uma menina que trabalha aqui, é um bar que nós começamos a dizer para dona que ela tinha de pintar de roxo útero já que o roxo hematoma tinha ficado para trás, nós queríamos o roxo útero, roxo útero de mulher mesmo e ela pintou, tem lá um rosa, um tom sobre tom que ficou muito bonito; então as mulheres vão lá, se estão com sede, com calor, cansadas do trabalho, sentam lá no bar e tomam uma cerveja. Quando que na vila íamos ver isso, nunca, mas nunquinha mesmo, mulher que sentava em bar era prostituta, aliás as mulheres não andavam na vila à noite, há cinco anos atrás a mulher que andava à noite sozinha ou era mulher de traficante, ou era traficante ou tinha as costas quentes ou então estava propensa a tudo na rua e hoje não, hoje nos trabalhamos vinte e quatro horas aqui e as mulheres transitam livremente.

² IML: Instituto Médico Legal

Então nessa palestra que eu fiz lá eu disse: "*Oh, eu tenho certeza que quando terminar essa palestra aqui com vocês vai ter gente enganchada em mim querendo saber alguma coisa*" então eu noto que as pessoas estão muito carentes por saber onde estão acontecendo as ações, então eu sou uma pessoa muito aberta.

O Centro de Educação Ambiental eu quero que seja um centro de referência, de exemplaridade para provar que a comunidade pode sim cuidar dos seus filhos, pode cuidar das pessoas daqui de dentro. Claro que o Centro de Educação Ambiental não consegue abranger todas as pessoas, mas um grande número de pessoas sim, pois se nós tivermos duzentas pessoas, hoje somos cento e cinquenta e oito, com duzentas pessoas, tu multiplica por quatro que é a média de filhos que tem, tu já vai a oitocentos, se tu considerar que dessas oitocentas muitas vivem com o pai e a mãe em casa já são mais duzentas, são mil pessoas e se tu colocar mais cento e vinte crianças numa creche e considerar que a maioria dessas crianças não são filhos de mulheres daqui, mais o pai e a mãe dessas crianças já são quase duzentas pessoas, tu chega em duas mil pessoas em dois toques.

E duas mil pessoas usufruindo desse espaço onde tu aprende a te organizar, a te educar, a adquirir as tuas coisas, aprende a ver a vida de uma outra maneira, aprende a ter expectativa de vida que antes não tinha, aprende a ter esperança, aprende a falar direito, são dois mil multiplicadores aqui dentro da vila que com certeza em cinco anos essa vila não vai ser mais a mesma, ela já não é mais a mesma em três anos, imagina em mais cinco anos. Não vai ser mais a mesma, tu pode pegar qualquer pessoa para testemunhar e pergunta para ela assim: "*O que tu fazia antes de entrar para cá, como era a vila Pinto antes do galpão?*" para qualquer uma que tu pergunte vai te responder que a vila não é mais a mesma, a vila era uma antes do Centro e agora é outra com o Centro.

As mulheres não estão mais se submetendo, elas se reúnem, conversam, a denúncia por exemplo, nós temos aqui um momento onde eu falo: "*Tu vai denunciar os fatos que tu não consegue aceitar*" e faço questão de que elas chamem de

denúncia, não é relato, é denúncia e as pessoas dizem: "*Ai M. essa palavra é muito pesada*" porque as pessoas daqui da vila já estão acostumadas a serem chamadas de "cagüetas" quando elas dizem qualquer coisa que não satisfaz, por exemplo: "*Seu filho está servindo de empregado de um traficante*", ela prefere ver o filho empregado do traficante do que denunciar com medo que aconteça alguma coisa para ela, quer dizer, aqui como é um espaço onde a gente se organiza e estuda essas coisas, a gente não tem como enfeitar, então ninguém enfeita, denuncia sim.

Então, já tiveram mil e uma sugestões como: vamos fazer uma caixinha de denúncia anônima, não precisa colocar o nome, pois as pessoas ainda tem aquele receio de que sendo identificadas pelo nome possam sofrer as conseqüências, então são coisas que tu não tem como mudar é uma cultura que tem que ir mudando aos poucos e sempre de dez, vinte tem um que diz: "*Ah, eu vou falar, não tenho medo mesmo*" e fala, depois que falou os outros todos falam: "*Já que o fulano falou eu vou falar, eu não ia falar mas agora vou dizer mesmo*" então um vai puxando o outro e sempre isso acontece no final da reunião, quando está terminando a reunião e ninguém mais está querendo falar. Nós fazemos uma oração no final da reunião, uma pessoa puxa o Pai Nosso e sempre sou eu que rezo e digo que ninguém é obrigado a rezar, digo que cada um mentalize o que quer para si, é um momento de fé que temos porque acreditamos muito que as pessoas tem de ter fé, se não tem fé no outro que tenha fé em si, em Deus pelo menos.

E dá muito certo porque nós fazemos um círculo e as pessoas se colocam dentro do círculo, por exemplo, se eu estou com um parente doente no hospital, eu solto a mão do círculo, vou para dentro e peço uma oração e depois volto e vai outra, e outra e eu proponho que façamos de conta que aquele ali é o lugar onde temos que depositar nossa esperança, pois aquela pessoa que está pedindo, se todos gostam dela, vai receber as orações de todo mundo e vai realizar seu desejo. Essas coisas são muito do coração mesmo, intenções, oração e se os pastores da Igreja Evangélica fazem porque eu não posso fazer? São multidões e multidões e

multidões e se eu vou lá vejo que as pessoas chegam a tirar colar, anel, coisas a que estavam presas há séculos elas enfiam naquela bacia.

Então, as pessoas na segunda-feira pedem a oração e na outra semana eles dão o relato, o testemunho de como está a pessoa: "*Obrigada por esse testemunho lindo que ela deu, por essa cura alcançada por tua mão poderosa*" e falo num tom bem gostoso das pessoas ouvirem e no final então é o abraço, todo mundo se abraça, mas quando termina a oração já está um monte de gente chorando, choram, choram, choram e quando eu vejo que tem gente chorando eu digo: "*Obrigada por esses corações que podem ainda se emocionar*" (**choro - pausa**), pois não são todas as pessoas que se emocionam, são pessoas tão duras, às vezes, que elas estão sentindo vontade de se emocionar e não se emocionam e essas são emoções bonitas e tem que deixar chorar porque senão as pessoas ficam muito duras, começam a não perceber as coisas bonitas que existem ao seu redor: "*Ah, obrigada pelas flores*" e depois a gente se abraça e aí deseja tudo de bom, isso a gente faz nas reuniões às sete horas da manhã, nos reunimos todos os cento e cinquenta e oito e fazemos a reunião para dizer como é que foi a semana anterior, como foi o final de semana em casa, se ninguém se embbedou e ultrapassou o seu limite, se estava tudo bem e fazemos esse relato e planejamos em conjunto as atividades para a semana seguinte. Eu também dou o meu relato porque desenvolvo muitas atividades pela comunidade, como o projeto dos adolescentes que nós começamos com dois empresários e agora estamos com doze, eles adotaram esse projeto e vão construir uma magnitude, uma construção maravilhosa e eles ficam muito empolgados com a minha seriedade, com essa vontade que eu tenho de tocar as coisas.

Depois de todo produto prensado as empresas vem aqui e compram, por exemplo, o isopor é vendido para indústrias calçadistas e essa renda, que é muita renda, é dividida igualmente entre o pessoal e a coordenação ganha três por cento a mais porque não tem horário fixo, tem de estar disponível sempre que necessário. Nesse mês de março que foi mais devagar porque incluiu o carnaval e

o pessoal estava na praia deu R\$ 275,00 para cada um e é uma renda boa, já esse mês pela média que fizemos vai dar em torno de R\$ 320,00. Os coordenadores ganham três por cento a mais e isso faz com que eles se sintam privilegiados de uma certa forma, para poderem investir mais no Centro, colocar ordem se sentindo mais valorizados, os coordenadores trabalham no computador porque já temos tudo informatizado, elas qualificam, fazem imposto, cuidam dos pagamentos. Hoje, por exemplo, tem uma apresentação na OSPA³ porque agora eles têm uma convênio conosco que é o projeto Viva Vida então, as meninas vão antes do concerto, pois tem um pessoal que quer conhecê-las e vão fazer uma reunião e elas não podem ir mal apresentadas.

Esses dias nós fomos convidados para uma festinha e eu disse: "*Olha, vocês vão indo porque eu vou me atrasar e se vocês me esperam vão chegar lá e não vai mais ter lugar*" e eles foram indo para a festa, quando eu cheguei lá, eu fui a última a chegar, eu, meu marido e outra moça que tinha chegado atrasada, e fui recebida pelo anfitrião da festa que disse: "*Puxa vida M., que pena que veio só tu, porque não trouxe teu pessoal?*" aí eu disse assim: "*Olha, eu sinto orgulho de tu me dizer isso porque eu acabo de passar por todos eles aqui, eles até já estavam indo para o bar, eles estão todos aqui e já chegaram há muito tempo, faz mais de hora, agora, se tu esperava encontrar o meu pessoal fedendo a lixo e remendado tu te desse mal porque eles estão tão bem apresentados que tu nem os reconheceu*" aí ele ficou bem encabulado: "*Não M. pelo amor de Deus então aquele ali é o teu pessoal?*" e eu respondi: "*Não, não tenta remendar porque na verdade tu esperava que o meu pessoal tivesse todo remendado, todo de boca desdentada, feios e as mulheres vieram maravilhosamente*" (**lágrimas nos olhos - pausa**). Nós temos um convênio com a UFRGS⁴ e eu encaminho as mulheres para arrumarem os dentes, eu faço horrores, faço um "*bolo*" como eu digo elas arrumam os dentes, vão na psicóloga, pois tem várias universidades que eu vou, faço palestra e digo: "*Olha eu precisa disso, eu precisava daquilo*" e já saio enganchada em três, quatro psicólogas, um médico que quer ajudar e assim as ações acontecem.

³ OSPA: Orquestra Sinfônica de Porto Alegre

Eu me considero uma liderança transformadora eu não quero que as coisas mudem, porque as pessoas precisam se transformar, porque mudar pode ser tanto para o bem como para o mal, mas quando tu te transforma tu nunca mais vai ser a pessoa que tu foi antes, vou te dar um exemplo de **transformação (mostrando um porta lápis de plástico em formato de cubo)** se tu quiser pegar esse plástico e reciclá-lo, com certeza tu não vai fazer de novo com essa mesma tonalidade de cor, com essas mesmas formas, tu vai transformá-lo num outro recipiente, mas esse, igual jamais tu vai trazer de volta, agora, mudar basta trazer daqui prá cá (**levanta o porta lápis da mesa e troca de lugar**) mas, ele permanece o mesmo, tu só muda, pode apenas trocá-lo de lugar, mas para transformar não, ao transformar tu nasce de novo, as pessoas aqui estão transformadas, elas são outras pessoas, elas estão melhorando tanto na vida atual delas que já não conseguem imaginar como estavam naquela vida anterior e isso é só um galpão (**choro**), como algumas pessoas dizem é só um galpão de separação de lixo e tem toda essa transformação.

Por acaso tu vê as pessoas gritando? Tu não vê, ninguém grita, ninguém diz nome feio, todo mundo trabalha num clima calmo, se tu chegar agora ali e disser: "*Oi pessoal!*", todo mundo vai te olhar com o rosto bem sem ruga, até porque elas acham muito creme aí, elas adoram fazer uma composição de creme, mas elas lêem e dizem: "*Olha, cremes finíssimos.*"

Sabe Aline, a verdade é que eu morei muito tempo no Bom Fim e toda essa capacitação gerencial eu adquiri quando eu trabalhava, pois eu também já tive uma outra vida, me transformei, eu já morei no Bom Fim, minhas filhas freqüentaram a 24 de Outubro, freqüentavam muitas festas, mas eu nunca me separei das minhas raízes, eu tive sorte, muita sorte, porque eu vim de Alegrete e dei a sorte de chegar aqui e arrumar um bom trabalho, com todo esse meu gás fui trabalhar numa loja e em seguida consegui o cargo de gerente pela minha seriedade, vontade de fazer e então eu toquei a loja e foi um grande sucesso, existe

⁴ UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

até hoje. Então, toda essa capacitação gerencial, essa bagagem que eu tenho veio desses dezesseis anos que eu trabalhei lá, mas eu não era feliz, eu era casada com um marido que era alcoólatra e quanto mais eu me salientava mais ele ficava pior e eu não tinha tempo de cuidar, de resgatar a auto-estima dele porque ele por si só se destruía com a bebida e eu trabalhava demais, porque achava que minha filhas tinham que se formar no mínimo no segundo grau e eu tinha pressa de conseguir alguma coisa porque tinha vontade de ir para onde estava minha família, pois apesar de eu estar morando no Centro eu invadi um pedaço aqui da vila Pinto onde era só árvore e não tinha dono, era um pedaço da vila e eu ajudei minha família a invadir e hoje nós somos em cento e vinte e poucas pessoas da mesma família morando todos perto, é um "L" então, mesmo morando lá eu invadia, cercava e mandava irem vindo as pessoas, umas vinham de Alegrete, outras de São Francisco de Assis, veio gente de Uruguaiana e nós moramos todos juntos lá e na época, cerquei um pedaço para mim porque a minha esperança era de vir para cá, para vila Pinto.

Eu já era liderança lá na minha cidade e em setenta e sete nós invadimos, eu cerquei um pedaço para mim e meu irmão ficou morando lá no meu terreno e depois eu comecei a construir, com o dinheiro que eu adquiria lá na loja eu fui construindo, a primeira coisa que eu fiz foram os muros e depois a casa. Hoje eu moro num lugar muito privilegiado porque em seguida nós pressionamos o poder público para adquirir aquela área e demos sorte porque teve um monte de gente que não acreditou que iríamos conseguir, achavam que dali um pouquinho iam nos despejar daquele lugar e ninguém quis arriscar e então eu e minha família ficamos no lugar mais privilegiado, fincamos o pé ali, dissemos que não íamos sair e como eram pessoas muito unidas o poder público resolveu desapropriar, porque é uma nesga e uma rua e é onde hoje nós estamos morando. Não é nosso o terreno mas vamos conseguir com o DEMHAB⁵ a permissão de uso e nós podemos construir as casas, até porque nós não queremos para vender o terreno a gente quer para morar mesmo.

⁵ DEMHAB: Departamento Municipal de Habitação

Quando eu vim de lá eu queria ser feliz, eu ganhava um salário muito alto, todas as minhas filhas tinham cartão de crédito, por si só faziam suas compras, suas atividades e tinham muita dependência de mim, hoje são muito independentes, mas eu queria ser feliz e eu sentia que a minha felicidade estava junto das pessoas que precisavam de mim (**choro - pausa**) e eu sentia que meu ex-patrão, à cada ano que passava, ficava cada vez mais rico e eu me sentia muito injusta em relação a minha família, pois queria estar brigando com eles por ruas asfaltadas, iluminação pública, a água era um terror, era tudo com mangueira, uma bica que na época chamavam de pena, saiam cedo para pegar água e então cada vez que eu vinha aqui saía me sentindo mal porque eu morava muito bem, num apartamento maravilhoso com todo o luxo e vinha final de semana, quando eu podia, sábado à tarde depois que a loja fechava e me sentia mal com toda aquela miserabilidade das pessoas, dos meus parentes e eu tinha obrigação de fazer alguma coisa, como é que eu ia lá em Alegrete dizer para eles virem, dizendo que aqui era o céu, porque lá já estava um inferno e ficava acomodada, não, eu tinha que mudar aquela situação.

E vindo nos finais de semana comecei a fazer reunião, reunião, reunião e bem na época aconteceu o Orçamento Participativo e como nós éramos muitos eu comecei a liderar as pessoas para poderem todas participar, se educar, se escutar e até hoje estou fazendo isso. E naquela época as minhas filhas vieram comigo, estão ali (**aponta para as duas filha que trabalham no Galpão de Reciclagem**), mas eu disse que elas escolhessem a vida que queriam ter e elas me disseram, as duas: "*Não mãe, nós vamos contigo, nós acreditamos nessa tua força e queremos te ajudar*" e hoje estão aqui comigo, lutam e acreditam nesse trabalho e tenho certeza que se depender delas não vai faltar gente para continuar esse ideal de luta e transformação. Até hoje eu lidero as pessoas e encaminho porque, às vezes, fico pensando e vejo que muitas já não tem esperança em suas vidas.

Esse ano é ano eleitoral e eu já tive inúmeras pessoas me perguntando: "Então M. tu vai te candidatar?" como as pessoas estão viciadas, se tu faz alguma coisa já pensam que é com o interesse de ganhar algo em troca, em teu benefício e eu não quero nada disso, não quero voto, quero o contrário, quero confiança, credibilidade, tudo que os políticos não têm, então eu respondo: "Se eu me candidatar as pessoas vão acreditar em quem?" o que eu faço é por amor, doação, e não por interesse político. A questão política é importante, mas eu não preciso ser eleita para fazer política. E é nisso que eu acredito Aline é esse meu trabalho. Espero ter te ajudado!